

## **Animais bípedes: Uma análise aos comportamentos insustentáveis do homem, por meio de seus instintos**

*Bipedes animals: An analysis of man's unsustainable behaviors, through his instincts*

LAURIA, Douglas Silva

*Mestrando em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João Del Rei, natorabrasil@gmail.com*

SILVA, Flávio Silvério

*Mestrando em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João Del Rei, flavio.slvr@gmail.com*

SCHIAVONI, Flávio Luiz

*Doutor, Universidade Federal de São João Del Rei, fls@ufsj.edu.br*

### **RESUMO**

Este artigo traz uma reflexão sobre as relações sustentáveis do ser humano com o mundo a partir do questionamento dos valores que sustentam a categoria de nossa espécie como “ser pensante”. Apresentamos uma discussão que leva em consideração a tentativa do homem contemporâneo de propor a sustentabilidade sem primeiramente se atentar para o equilíbrio interno de sua vida dentro das esferas da autopreservação, preservação social e preservação sexual. Por fim, trazemos a nossa intenção de observar as questões instintivas do homem, herança de sua evolução, como uma possibilidade de melhor entender as ações feitas por nós que vão contra um processo evolutivo salutar em todos os sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** instinto, sustentabilidade, eneagrama, capitalismo.

### **ABSTRACT**

*This paper brings a reflection on the sustainable relations of the human being with the world, starting questioning the values that sustain the category of our species as "thinking creatures". We present a discussion that takes into account the contemporary man's attempt to propose sustainability, without first paying attention to the internal balance of his life within the spheres of self-preservation, social preservation and sexual preservation. Finally, we bring out our intention to observe the instinctive issues of human beings, inheritance of his evolution, as a possibility to better understand the actions done by us that go against a healthy evolutionary process in all senses.*

**KEY-WORDS:** *instinct, sustainability, enneagram, capitalism.*

## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem a proposição de mostrar uma abordagem de sustentabilidade que seja menos suscetível às armadilhas ideológicas, chamando a atenção para nossa constituição de animal racional, antes de propormos uma ideologia ou segmento filosófico como proposta de sustentabilidade. Pretendemos, antes de mais nada, não usar o atributo racional como redenção de nossa carga animalésca e instigar o questionamento do leitor sobre a categoria que o homem assume na escala evolutiva, de ser racional, para então podermos experimentar um olhar mais holístico em relação à nossa própria espécie.

A intenção do referido trabalho, como meio de evitar o fetichismo à nossa potência lógica de pensamento referente à outras categorias viventes, é propor uma discussão onde a capacidade humana ligada à racionalidade não seja o foco, possibilitando observar a influência de questões instintivas ligadas ao nosso meio de vida para podermos compreender nossas ações instintivas antes de reprimi-las ou excluí-las. Partimos de uma pergunta existencial: Por que nos tornamos animais bípedes?

Os ancestrais do homem passaram a caminhar sobre duas pernas há muito tempo. Diefenthaler (2013), fala que, de acordo com a teoria evolutiva darwiniana, o ser humano se tornou bípede com o intuito biológico de deixar as mãos livres para a confecção de ferramentas. Segundo Marchioreto (2014), essa tese foi posteriormente derrubada por estudos que evidenciavam o surgimento da bipedalismo há aproximadamente 4 milhões de anos antes do aparecimento das primeiras ferramentas. O autor mostra que há várias razões para que os homens tenham deixado de ser quadrúpedes. Em parte, tal diferenciação de posicionamento corporal pode ter vínculo com a seleção natural, onde os bípedes levavam melhor vantagem nas disputas, além de apresentarem melhor economia de energia ao se movimentarem. Assim, o bipedalismo teria se iniciado em contextos que exigiam uma outra disposição da configuração postural quadrúpede, visando a questão de sobrevivência do homem, através da precisão de suas habilidades.

Em um salto para os dias atuais verificamos que um dos problemas que incita a pensar nas questões de sobrevivência está relacionado à crise ambiental. Esta crise pode ser atribuída à arrogância evolutiva capitalista e ao sentimento de invulnerabilidade da humanidade. Para ter certeza nesta afirmação é necessário entender os motivos que levam a ganância humana sobre a natureza, as razões que destinam as populações ao desespero que originaram e fomentam o capitalismo, como o

conhecemos, e os motivos para o surgimento de relações sociais deturpadas, tão características das cidades.

Kuster (2010), fala sobre o conflito entre o convívio, para o qual há de se estabelecer regras, e a premência do desejo individual, necessariamente moldado nos termos que viabilizam a convivência coletiva, mas que muitas vezes transforma-se em elemento dificultador da formação de um conjunto coeso. Através dessa abertura entre o convívio e o desejo individual, busca-se um olhar para a maneira como se vive, através da relação com o meio urbano e para com o meio ambiente, que possa ser feito com base na carga evolutiva dos instintos que acabam pouco compreendidos e, por isto, se tornam vulneráveis à imposições ideológicas capitalistas e egocêntricas. Propõe-se um incentivo à maneira sustentável de agir por meio de uma reformulação que talvez deva começar dentro de cada ser humano, procurando nivelar os desequilíbrios em sua base animal, para que possa-se viver de forma plena e harmônica com o mundo.

## **2 O HOMEM, SEUS INSTINTOS E A SUSTENTABILIDADE**

Na década de 70, Paul MacLean (1978) apresentou uma teoria que era fundamentada na divisão do cérebro humano em três partes. Essa divisão representava os compartimentos fisiológicos que foram acarretados pelo desenvolvimento do sistema nervoso desde os mais antigos vertebrados. O primeiro segmento a ser desenvolvido na evolução da fisiologia cerebral foi a parte voltada ao instinto, posteriormente a segunda seção que passou a ser desenvolvida foi aquela relacionada ao sistema límbico, voltado à parte sentimental, e por último o neocortex, responsável pela racionalidade.

A primeira fração dentro da evolução que compõe o cérebro humano, conhecido como cérebro reptiliano está presente na estrutura cerebral de outros animais. Isto significa que temos em comum com outras espécies a herança do comportamento instintivo. Essa seção do cérebro possui os padrões de comportamento que caracterizam os répteis e se encarrega das funções mais básicas como sobreviver e reproduzir. A sobrevivência, neste caso, se assemelha a um "sistema binário" que está relacionado a fugir ou lutar. Assim, a parte do cérebro que destacamos não apresenta a capacidade de aprendizagem através dos erros, muito menos a capacidade de sentir ou de pensar. Sua função é simplesmente atuar.

Ainda no campo do comportamento humano instintivo, os estudos de personalidade discutidos por Don Richard Riso e Russ Hudson, na obra “A sabedoria do eneagrama”<sup>1</sup> (2016) aponta que o instinto é uma inteligência elaborada pela natureza para proteger a vida em três esferas diferentes: A autopreservação, preservação social e preservação sexual.

Apesar do instinto ser uma inteligência inconsciente, que se difere do pensamento e do sentimento, pode-se dizer que ele é uma força mobilizadora do organismo com a função de fazê-lo entrar em ação frente a diferentes contextos. A manutenção da vida nas esferas pessoal, social e sexual leva a uma trindade instintiva formada pela autopreservação, preservação social e preservação sexual. Se esta trindade se encontra equilibrada ela tende a se tornar uma única ação voltada ao amparo da vida.

Esta trindade instintiva deve ser levada em consideração ao falarmos de meio ambiente, urbanidade e sustentabilidade assim como para discutir a relação entre homem e meio ambiente é necessário entender os mecanismos primordiais que fazem parte de uma interação saudável entre estes. Ainda, segundo Riso e Hudson, à medida que envelhecemos o desenvolvimento de nossa personalidade é capaz de criar distorções em nossos instintos, que levam o indivíduo a uma forma inconsciente de viver. Com isso o indivíduo tende a manifestar um comportamento dominante ou reprimido que nitidamente evidencia uma das três esferas e que acaba por caracterizar o seu comportamento dentro do contexto vivido. Por esta razão, é necessária uma prática voltada para um descondicionamento instintivo que retire as distorções ocasionadas por mecanismos instintivos de sobrevivência animal as quais nossos engajamentos ideológicos estão subordinados.

### **3 A POSSIBILIDADE DE ACESSO AO INSTINTO COMO FATOR DE EQUILÍBRIO SUSTENTÁVEL**

Se dentro da trindade instintiva cada ser humano possui um instinto dominante, possivelmente possui também outro instinto reprimido. Se uma pessoa tem a autopreservação como esfera prevalecte, nessa área da vida o comportamento dela estará constantemente subordinado ao referido instinto, que acarretará uma distorção da realidade devido ao fato de seu instinto reagir como se a autopreservação estivesse sempre em perigo, independentemente do contexto onde esta pessoa está inserida. A dominação de um instinto sobre os demais pode explicar comportamentos

---

<sup>1</sup> O eneagrama é uma figura geométrica com nove pontas, divididas em 3 grupos, inscritas em um círculo, que funciona como símbolo processual. Pode ser usado na compreensão e estudo de qualquer processo contínuo, uma vez que, em sua lógica, o fim é sempre o início de um novo ciclo. Para mais informações, acesse: <http://www.ieneagrama.com.br/o-eneagrama>.

competitivos, acumulativos, com tendência ao exagero, sem nenhum tipo de dispositivo que permita o atingimento da saciedade. Não iremos enumerar detalhadamente os prós e contras de cada instinto, pois não é o intuito desse trabalho. O que pretendemos é fazer algumas considerações referentes aos comportamentos instintivos associados à sustentabilidade.

Dentro do cenário urbano, o aumento gradativo da violenta criminalidade nas principais cidades brasileiras tem influenciado o rearranjo da morfologia urbana cada vez mais propícia à exclusão e segregação (Lira, 2016). De acordo com o autor, constata-se que nas últimas três décadas, o medo social vem influenciando a consolidação de um novo padrão de desenho arquitetônico das cidades, onde os espaços privados incorporam uma série de elementos em suas formas como muros altos, grades e cercas elétricas, que fomentam cada vez mais o isolamento das pessoas e os afastamentos dos espaços públicos. Isso se torna explicitamente perceptível em espaços residenciais ocupados por camadas sociais mais privilegiadas. As representações desta arquitetura do medo também estão presentes em outros lugares, como ambientes comerciais, mas são as casas e condomínios que adotam com vigor tais elementos. Nesse sentido, o temor das pessoas impulsiona os proprietários das residências a adoção de medidas funcionais de autoproteção que proporcionam a criação de fortalezas. Como resultado disso temos as grandes barreiras traduzidas em muros de alvenaria e ferro que impossibilitam as formas de interação, sociabilidade e o estímulo à construção de espaços propícios à convivência cidadã. Tais conformações das cidades, cada vez mais fragmentadas, potencializam o instinto de autopreservação que acaba comprometendo o comportamento de nossa espécie, restringindo o acesso a outro instinto fundamental, o social.

Este isolamento social causado pelo instinto de autopreservação constantemente provocado por uma exposição à violência leva a medidas extremas a parcela da população que possui renda para tais medidas. De acordo com uma pesquisa feita pela empresa *RCI First Security and Intelligence Advising*, especializada em análise e gestão de riscos contra a violência, publicada pela revista online da Folha de São Paulo (2005), até a mencionada data, o Brasil teria perfurando o seu território 102 bunkers semelhantes ao usado por Adolf Hitler para escapar da morte nas mãos do exército russo, em Berlim, no ano de 1945. Os bunkers foram importados para o Brasil a partir de 1999, por conta da violência urbana, e desde então só cresce a sua demanda. Só a cidade de São Paulo, segundo dados da mesma matéria, contava com 63 bunkers construídos sob casas e empresas. De acordo com Ricardo Chilelli, especialista em segurança privada da *RCI*, de todos os bunkers já feitos no país, apenas 30% eram realmente necessários. Para Chilelli, esses alojamentos só têm função para as pessoas com alto potencial de risco que possuem suas residências em lugares extremamente ermos,

isolados ou em localizações de difícil acesso, onde o socorro demoraria a chegar. Fora das situações descritas, a construção dessas estruturas subterrâneas fortificadas é mais um símbolo do exagero e ostentação do que efetivamente um método de segurança.

Tais medidas drásticas é movida não apenas pelo instinto de sobrevivência mas também pela possibilidade de consumo de tais bens, consumo este que não é necessário e que age contra outra questão de sobrevivência que é a sustentabilidade. Ao falarmos de sustentabilidade notamos que o instinto de autopreservação em desequilíbrio se expressa na incessante tentativa de garantir a sobrevivência individual a qualquer custo, uma imposição da necessidade individual a necessidade coletiva ou a qualquer outra lógica no planeta independentemente da instabilidade que isso possa acarretar a espécie. Talvez por esta razão o *Homo sapiens* tornou-se, direta ou indiretamente, o principal macro consumidor de todos os principais ecossistemas terrestres e marinhos encontrados no planeta.

Já o instinto sexual, quando apresentado em desequilíbrio, leva à incessante busca pela aceitação. Uma pessoa pode ser levada a um comportamento de competição agressiva, impedindo a possibilidade de cooperação e criando uma relação de superação do seu semelhante todo o tempo e a qualquer custo. Este desequilíbrio do instinto de sobrevivência e preservação sexual permite ler a competitividade animalésca de nosso mercado e a discrepância do acúmulo de capital que enfrentamos não como a expressão de uma espécie racional mas pode como a expressão de mecanismos instintivos de sobrevivência distorcidos.

Segundo o site da BBC (*British Broadcasting Corporation*), em matéria publicada em no ano de 2012, a organização mundial de saúde divulgou dados que revelam que em 2010 o número de pessoas mortas por problemas relacionados à obesidade foi três vezes maior que o número de pessoas mortas por desnutrição. Se atualmente a morte por desnutrição não é um fator relacionado à falta de recursos, mas sim de interesse econômico, é urgente que, como espécie, seja potencializado o acesso ao instinto social, provavelmente o instinto que mais precisa ser evocado em nossa atual conjuntura. Para o eneagrama, o instinto social quando despertado está relacionado a manutenção do grupo e da espécie, onde a vida individual passa a não se diferenciar do coletivo. É importante notarmos que não há a possibilidade de amadurecimento e evolução se nos pautarmos em uma constituição de sujeito que nega ou reprime os instintos para a regulação social ao invés de promover o seu desenvolvimento. Para Agamben (2002), a biopolítica é esse mecanismo de exclusão da vida comum (*zoé*), em prol da inclusão da vida politizada (*bios*), na constituição do sujeito em

conformidade a um poder soberano, onde a vida passa a ser classificada e subordinada a um Estado de Exceção<sup>2</sup>. A lei passa a ser mais importante que a própria vida.

Desta maneira, é possível entender a sustentabilidade a partir de dois momentos importantes: Quando a percebemos como um equilíbrio de forças que interagem entre as partes envolvidas; e quando compreendemos que a constituição do sujeito precisa deixar de se basear em um ideal externo a ele, excluindo ou reprimindo parte do indivíduo, passando a trabalhar em ralação ao próprio ser através do desenvolvimento de práticas voltadas ao acolhimento e compreensão da manifestação da própria espécie, contemplando a relação saudável com o meio em que se vive.

#### 4 CONCLUSÃO

Uma das maneiras que contemplamos como viabilizadora da sustentabilidade é a interação da espécie humana com ela mesma e com seu meio. Há uma urgência de se fomentar práticas que busquem equilibrar a manifestação das forças instintivas como uma maneira de estabelecer uma relação mais harmônica para com o mundo. Propiciamos com o nosso trabalho a reflexão de que a sustentabilidade começa, antes de mais nada, na relação do indivíduo consigo mesmo. Se pararmos de olhar o homem somente por meio da categoria “penso, logo existo”, poderemos abrir mão dos privilégios que nós mesmos nos atribuímos, em comparação as demais espécies que dividem esse mesmo ecossistema, promovendo a busca de reorganização de nossos instintos como caminho para um equilíbrio interior. Acreditamos que só assim poderemos propagar práticas sustentáveis que realmente sejam efetivas.

Claro que conduzidos pela realidade de agrupamentos, como as questões de coexistência pertinentes aos espaços urbanos, por exemplo, é inevitável que sacrifícios tenham que ser realizados como meio de garantir a possibilidade do convívio. E, talvez, o sacrifício mais árduo seja o do próprio “eu”, em prol de um conjunto que tenha a pretensão de se firmar como coeso. Portanto, devemos pensar nessa posição do desejo individual, muitas vezes tão poderoso diante das necessidades coletivas, como um comportamento de desequilíbrio instintivo que precisa de amparo.

A ancestralidade reptiliana de nossos cérebros, carregada por nossa espécie, assim como outras, pode mostrar que os humanos possuem instintos de comportamento que hoje são castrados em prol

---

<sup>2</sup> Agamben retoma a distinção feita por Aristóteles entre *bios* e *zoé*. *Bios* é o reino da moral onde se manifesta o juízo, representando o modo de viver dentro de um grupo que depende da linguagem. A *zoé* é a vida nua, de forma natural e biológica comum a todos os homens, ou seja, baseada na mera existência.

de uma vida moral que procura proporcionar à nossa classe dentro do reino animal a elevação de categoria de homem racional.

Por fim, concluímos que qualquer ideal está fadado ao fracasso se houver um desequilíbrio na parte mais fundamental do homem, o seu interior. Se negamos o nosso lado animal, junto aos instintos pertencentes a ele, nem o animal nos resta a ser.

## 5 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

**BBC: Mais pessoas morrem por obesidade do que de fome no mundo**. São Paulo, 14 dez. 2012. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/ultimas\\_noticias/2012/12/121214\\_obesidade\\_rn](http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2012/12/121214_obesidade_rn)>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DIEFENTHAELER, Inés Beatriz Firpo. **Das árvores às panelas no fogo: como nos tornamos humanos**. 2013. 132 f. TCC (Graduação) - Curso de Nutrição, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

**FOLHA DE SÃO PAULO: Em SP, bunker vira recurso contra crime**. São Paulo, 06 ago. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0608200515.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

KUSTER, Eliana. DE DESEJOS E DE CIDADES: A DIFÍCIL ARTE COTIDIANA DA VIDA COLETIVA. Revista de Psicologia, Niterói, v. 21, n. 1, p.275-294, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922009000200007&script=sci\\_abstract&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922009000200007&script=sci_abstract&tIng=pt)>. Acesso em: 13 jul. 2017.

LIRA, Pablo Silva. **Geografia do crime e arquitetura do medo: Uma Análise Dialética da Criminalidade Violenta e das Instâncias Urbanas**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópolis - Ippur/ufRJ, 2014. (Metrópoles).

MACLEAN, Paul. **Man and his Animal Brain, in Modern Medicine**. J.Nerv. & Ment. Dis. CSSVII: 1-10, 1978.

MARCHIORETO, Fábio. A importância do bipedalismo. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.144-146, maio 2014. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/6733/4787>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

RISO, Don Richard; HUDSON, Russ. **A Sabedoria do Eneagrama**. São Paulo: Cultrix, 2003. 400 p.